



---

# LIVRO DE ROMANOS

## COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 6



*Pr. Lúcio Mauro Silva Lima*



## COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 6

6:1

**“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?”**

Paulo introduz um novo tema passando do fruto da justificação, a saber, paz com Deus, para o outro, santidade. A ênfase se volta da condição legal dos crentes para sua condição moral-espiritual.

Devemos nos lembrar que já em 3.8 Paulo combate, em termos breves essa distorção da doutrina da graça. Aqui no capítulo 6, sua refutação é mais detalhada.

É preciso enfatizar que a refutação que Paulo passa a fazer neste capítulo não é de uma mera objeção teórica à doutrina da graça, mas de uma nociva interpretação do seu ensino que estava levando alguns (antinomianos) a práticas pecaminosas supostamente respaldadas pelo ensino apostólico.

A resposta de Paulo aos seus críticos (neste caso específico os antinomianos) é que o Deus da graça não somente perdoa pecados, mas também nos liberta da escravidão do pecado. Pois a graça além de justificar, também santifica. Ela nos une a Cristo e nos inicia em um NOVO PROCESSO DE ESCRAVIDÃO, isto é, os salvos tornam-se ESCRAVOS DA JUSTIÇA.

6:2

**“De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?”**

Qual é a contra-proposta que Paulo apresenta diante da lógica do verso anterior? Paulo estabelece como premissa fundamental do seu pensamento o fato de haveremos morrido para o pecado. Esta é a IDENTIDADE DO CRENTE – ele morreu para o pecado. Este portanto não pode viver no pecado; se encararmos o pecado como um reino ou esfera, então teremos que afirmar que o crente não vive mais neste reino ou esfera. O crente morreu para o pecado de uma vez por todas e foi transferido para outro reino, estando fora do TERRITÓRIO E JURISDIÇÃO do pecado.

Esta morte do crente para o pecado é uma VERDADE POSICIONAL. Quando Jesus morreu por nossos pecados, Ele não morreu apenas como nosso SUBSTITUTO, isto é, em nosso lugar, Ele também morreu como nosso REPRESENTANTE. Portanto, quando Cristo morreu, nós também morremos. O sacrifício de Cristo na cruz foi uma morte SUBSTITUTIVA E REPRESENTATIVA.



Esta verdade da morte do cristão para o pecado não significa que o mesmo não peque mais. Isto significa que ele foi identificado com Cristo em sua morte e em tudo o que a Sua morte significa.

6:3

**“Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados (baptizw baptizo=imersão) em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte?”**

Paulo passa explicar como nós morremos para o pecado. Segundo o apóstolo através da nossa união com Cristo crucificado (e também ressurreto) através da fé e simbolizada pelo batismo (como aconteceu com os israelitas quando saíam do Egito, isto é, foram batizados tanto na nuvem como no mar, assim também o batismo sela o êxodo do crente). O batismo simboliza a nossa comunhão com Cristo em sua morte, portanto o que Paulo procura esclarecer é que os crentes morreram juntamente com Cristo quando Ele morreu. O apelo do apóstolo é feito ao conhecimento da IDENTIFICAÇÃO ESPIRITUAL com Cristo envolvida no batismo. Essa identificação espiritual do crente com Cristo implica em que a culpa dos seus pecados já foi removida e que é disponibilizado PODER para lutar e vencer a contaminação do pecado.

6:4

**“Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida.”**

**“Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo”**. O sepultamento sela a morte; assim como o sepultamento de Jesus foi a prova da realidade de seu falecimento o batismo do cristão é um sepultamento simbólico de toda a “velha vida” do crente e que também sela (no sentido estritamente simbólico) a sua morte para o pecado.

O sepultamento de Cristo abriu caminho para a sua ressurreição e conseqüentemente da ressurreição de todos aqueles que uniram-se a Ele em sua morte. De modo algum poderemos ser participantes da vida ressurreta de Cristo, a menos que sejamos participantes de sua morte.

**“...Para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade (kainothv kainotes) de vida.”** Paulo passa corretamente da COMUNHÃO na morte de Cristo para a COMUNHÃO na nova vida de Cristo. Esta nova vida em questão não se refere simplesmente a imitar a Cristo, como se a morte de Cristo fosse apenas um exemplo a ser seguido



por todos os cristãos, mas algo muito mais elevado significando a infusão na vida do crente de uma NOVA NATUREZA (Ez 36.26), ou seja, a NATUREZA DO FILHO DE DEUS. Esta nova vida não é apenas uma possibilidade do crente é o RESULTADO INEVITÁVEL da nossa união com Cristo. Portanto tão certo quanto Cristo ressuscitou dentre os mortos, assim também, com igual certeza, andaremos em novidade de vida.

**“...Pela glória do Pai...”**O apóstolo já havia apresentado a Deus Pai como agente ativo da ressurreição de Cristo (4.24,25). A glória de Deus ou as glórias de Deus falam das suas perfeições divinas (amor, justiça, fidelidade, sabedoria, etc.) neste caso específico a “glória do Pai” (*doxes tou patros*) refere-se de modo enfático ao grande poder de Deus, isto é, Cristo foi ressuscitado pela GLÓRIA DA ONIPOTÊNCIA DIVINA.

6:5

**“Porque, se fomos unidos** (*sumfutov sumphutos*=crescer junto, unido com) **com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição,”**

Na primeira parte do verso o vocábulo (*sumfutov sumphutos*), usado para expressar nossa união com Cristo em sua morte, significa literalmente “crescidos juntos”. O termo em questão aponta para a intimidade de nossa relação com Cristo, em sua morte. Apesar da palavra *sumphutos* não estar presente na segunda parte do verso o raciocínio é o mesmo no que refere-se, a ressurreição. Portanto se nos pertence a eficácia espiritual proveniente da sua morte, também é nossa a virtude espiritual extraída da sua ressurreição. Assim como o elemento enxertante tem a mesma vida ou morte do ramo do qual é enxertado, também é lógico que sejamos plenamente participantes tanto da vida quanto da morte de Cristo.

A “ressurreição” mencionada neste verso tem dois aspectos: Ela tem um aspecto ético, pois se aplica a vida moral do crente, desde a sua união com Cristo. E ela tem um aspecto escatológico transcendental, no sentido que aponta para a futura e literal ressurreição dos crentes com Cristo, que implicará em uma transformação metafísica do ser do crente, ou seja, os salvos receberão corpos como o do Senhor Jesus glorificado.

6:6

**“Sabendo isto: que foi crucificado** (*sustaurow sustauroo*=crucificar juntamente com) **com ele o nosso velho homem** (*palaiov anyrwpov*=*palaios anthropos*), **para** (*ina hina*= a fim de que, para que) **que o corpo do pecado seja**



**destruído** (katargew *katargeo*=inutilizar, tornar inativo, ocioso inoperante, nulo), e **não sirvamos** (douleuw *douleuo*= servir como um escravo) **o pecado como escravos**".

Este verso contém três frases intimamente relacionadas. Nele nos é dito que uma coisa aconteceu para que outra ocorresse, a fim de que ainda uma terceira se realizasse: 1) *crucificação do velho homem*; 2) *incapacitação do corpo do pecado*; 3) *fim da escravidão do homem ao pecado*.

O propósito final de Deus segundo Paulo, é que sejamos libertados da tirania do pecado; "...e não sirvamos o pecado como escravos". Como isto acontece? Na lógica paulina, a libertação acontece na seqüência acima apresentada que agora detalharemos:

1) **Crucificação do velho homem**: O velho homem (*palaios anthropos*) ou o eu pecaminoso refere-se ao homem não regenerado, ou o homem adâmico, ou ainda o nosso homem interior que é totalmente dominado e vendido a todos os apelos do pecado e que, portanto ainda não experimentou a obra da cruz. Na lógica paulina a primeira etapa na nossa libertação da tirania do pecado é a morte desse homem (em união com Cristo) na cruz, sem a morte do homem velho a segunda etapa não é possível.

2) **Incapacitação do corpo do pecado**: O corpo do pecado (*soma hamartia*) deve ser entendido como sinônimo de carne, ou seja, nosso corpo físico dominado, condicionado e controlado pelo pecado. Como consequência da morte do homem velho na cruz este corpo do pecado foi inutilizado (*kartageo*), incapacitado, enfraquecido, destituído de poder. A palavra *kartageo* é usada aqui com referência a nossa natureza pecaminosa, e em Hebreus 2.14 como uma alusão ao diabo, e uma vez que ambos estão vivos e ativos, aqui o significado somente pode ser incapacitar, destituir de poder e não destruir.

3) **Fim da escravidão do homem ao pecado**: Pela fé cremos que a combinação desses dois fatos, isto é, a morte do velho homem e a incapacitação do corpo do pecado redundaram na nossa **LIBERTAÇÃO DAS CADEIAS DO PECADO PARA UMA VIDA VOLTADA PARA A GLÓRIA DE DEUS**.

6:7

**"Porquanto quem morreu está justificado do pecado."**

Paulo volta a utilizar uma linguagem forense, pois emprega novamente o verbo justificar (*dikaiow* *dikaioo*=declarar alguém justo). Paulo ensina que os crentes não foram libertos apenas da penalidade do pecado, isto é, da *ira de Deus*, mas também foram justificados ou libertos do poder do pecado. O rompimento com o poder do pecado é encarado por Paulo como um tipo de exoneração de



culpa, determinada por algum juiz, quando o réu é justificado. Portanto o pecado não tem mais reivindicações sobre a pessoa justificada, assim o sentido forense está presente não apenas no caso da justificação, mas também naquilo que serve de base para a santificação. Na morte de Cristo, foi proferido juízo sobre o poder do pecado. E de modo prático por que o pecado não pode mais reivindicar nada sobre a vida do crente? Pelo fato do mesmo ter MORRIDO EM UNIÃO COM CRISTO. Durante o período em que existia a escravidão praticamente a única forma de um escravo obter a liberdade era pela morte. A morte traz uma libertação que não pode ser revertida. Seguindo a mesma lógica Paulo nos ensina que quando nós morremos em Cristo nós fomos libertos da escravidão do pecado. Nós não nos tornamos pessoas sem pecado, mas o pecado não tem mais poder para nos controlar.

6:8

**“Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos”**

Com a nossa morte para o pecado, nós nos tornamos livres e começamos uma nova vida em Cristo. Esta nova vida em Cristo já é o início da vida ressurreta obtida por nós em Jesus (Ef 1.14). Este verso também deixa claro que a vida ressurreta de Cristo, como uma possessão do crente, é uma certeza (“cremos que”), ou seja, não é uma conjectura ou uma simples possibilidade, ela deve ser evidenciada a cada momento na vida do salvo, através da mudança de velhos hábitos ou práticas para novos padrões que condizem com o caráter santo de Deus que agora habita na vida do crente.

6:9

**“Sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio (kurieuw kurieuo= ser senhor de, governar, ter domínio sobre) sobre ele.”**

Segundo a mitologia pagã, certas divindades estão constantemente morrendo e ressurgindo (*como Tamuz deus da vegetação que morre no outono, desce a profundidade da terra, ressurgue na primavera, devolvendo fecundidade aos campos ao celebrar as núpcias com sua esposa-irmã a deusa Ishtar [Ez 8.14]*). Não foi assim com Jesus. “A morte não mais exerce SENHORIO (*kurieuo*) sobre Ele”. Havendo uma vez ressuscitado, Ele vive para sempre (“...estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno. Ap 1.18”). A vitória obtida por Cristo sobre a morte foi total e absoluta, sem nenhuma possibilidade de ser revertida. Portanto se o crente for encontrado nEle, de igual modo a sua vitória sobre o senhorio da morte será também absoluta e irrevogável,



pois nessa união do crente com Jesus o Espírito Santo passa a comunicar-lhe de modo constante vida no íntimo pondo fim ao governo do pecado.

No sepulcro de um dos primeiros cristãos se encontrou a seguinte inscrição: “Pequei, arrependi-me, confiei, dormi, ressuscitarei, reinarei”. Sem dúvida esta é a experiência de todos aqueles que verdadeiramente estão em Cristo.

6:10

**“Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre (efapax ephapax=de uma vez por todas) morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus.”**

Quando o Senhor Jesus morreu, Ele morreu para o pecado em um sentido absoluto, total. Ele morreu para todas as exigências do pecado, todas as suas reivindicações e também para a sua penalidade, contudo isto não significa que o pecado exerceu domínio e poder sobre Cristo, como acontece com os homens, pois Cristo nunca foi contaminado pelo pecado, ou seja nunca pecou. Entretanto o Senhor se identificou de tal maneira com o pecado que vicariamente o tomou sobre Si.

Jesus concluiu a obra de redenção tão perfeitamente que ela nunca mais precisa ser repetida, ou seja, o sangue e o corpo de Cristo não podem ser mais oferecidos (*“que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu”*[Hb 7.27]). Nenhum segundo oferecimento é necessário nem mesmo possível para este sacrifício de uma vez por todas.

**“...Mas, quanto a viver, vive para Deus.”** Em certo sentido, somente em certo sentido, pode-se dizer que após sua ressurreição e ascensão, Jesus retornou à vida com o Pai como tinha sido antes de deixar as riquezas e as glórias celestiais para sofrer pelo pecado humano, no período da sua humilhação. Portanto o final deste verso refere-se à vida ressurreta de Cristo, sendo descrita como uma vida de íntima comunhão com Deus ou um viver para Deus, um tipo de vida que somente é possível quando o poder do pecado é anulado.

6:11

**“Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.”**

Paulo nos exorta (o verbo *logizomai* [contabilizar, computar, calcular] está no imperativo) que reconheçamos o que de fato agora somos em Cristo a fim de colocarmos em prática a nossa nova identidade pela desentronização (destronamento ou destronação) do pecado em nosso comportamento diário.





Este “considerar-se” não é um faz-de-conta. Não se trata de forçar a nossa fé até o limite, a fim de acreditarmos naquilo que na verdade não acreditamos. Não é uma questão de fingir que a nossa velha natureza morreu, quando sabemos perfeitamente que ela não morreu. Em vez disso, trata-se de nos apercebermos e de lembrarmos que o nosso velho homem de fato morreu com Cristo, o que colocou um fim em sua carreira. Temos de considerar o que de fato nós somos, ou seja, que estamos mortos para o pecado e vivos para Deus. Uma vez compreendido isso, isto é, que a nossa velha vida terminou, que a dívida foi paga e a lei satisfeita, não vamos mais querer nada com ela.

Portanto precisamos lembrar, ponderar, compreender, registrar estas verdades até que elas se tornem parte tão integrante de nossa mente que um retorno à antiga vida seja algo inconcebível.

6:12

**“Não reine (basileuw *basileuo*= reinar, governar), portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais (upakouw *hupakouo*=submeter-se, ser obediente a) às suas paixões (epithumia *epithumia*=desejos carnis, luxúria).”**

A forma como Paulo usa o adjetivo “mortal” demonstra que ele está aludindo ao nosso corpo físico. Embora seja verdade que os crentes não estão mais vivendo constantemente em pecado, isso não significa que o pecado cessou de ser uma força opositora em suas vidas, uma realidade a ser levada em conta. O pecado pode usar o nosso corpo como uma ponte através da qual ele consegue nos governar. Assim Paulo nos exorta (o verbo *basileuo* está no imperativo) que nos guardemos das vis paixões (*epithumia*). É exatamente porque nós estamos livres do pecado que temos que rejeitar o seu domínio. Somente porque o pecado não tem domínio sobre o crente, pode-se dizer: “Não reine, portanto, o pecado”. A pressuposição não é que o pecado está reinando, mas é exatamente o contrário – ele não reina; e, por isso a advertência tem validade. Dizer a um escravo que ainda não foi “alforriado” (com a devida licença do contexto histórico): “Não se comporte como um escravo” é zombar da sua escravidão. Porém dizer a mesma coisa ao escravo que foi liberto é um apelo que tem lógica, feito com o propósito de que ele ponha em ação os privilégios e direitos que lhe pertencem.

6:13

**“Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos (oplou *hoplon*=armas usadas em guerra, armamento) de iniquidade;**





**mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.”**

Mais uma vez o apóstolo comunica uma ordem aos cristãos (o verbo *paristemi* [apresentar] está no imperativo), isto é, que os mesmos não ponham à disposição do pecado seus membros físicos como ARMAS (*hoplon*) da injustiça (*adikia*). Em seguida Paulo dá outra ordem, “OFEREÇAM-SE A DEUS!”, ou seja, agora ele nos chama para nos colocarmos à disposição de Deus. Esse oferecimento dos nossos membros a Deus transmite a idéia de COMPLETA CONSAGRAÇÃO ou SANTIFICAÇÃO do ser do crente. Quando alguém se oferece a Deus, seus membros físicos também constituem uma porção dessa oferenda.

Em todos os demais exemplos do uso da palavra *hoplon* no Novo Testamento ela significa *armas, armadura*. Aqui em Rm 6.13, o contexto também aponta nesta direção. O pecado (personificado) é retratado aqui como um ditador que exige serviço militar e impõe obediência aos soldados. Esta palavra (*hoplon*) também nos indica que há uma guerra entre as forças da justiça (a igreja) e as forças da injustiça (reino de satanás), e que como soldados de Cristo não devemos jamais colocar nossos corpos a serviço do inimigo. Esta descrição da vida de um crente sob o simbolismo de um soldado é tipicamente paulina (I Co 9.7; II Co 6.7; Ef 6.10-20; I Ts 5.8; II Tm 2.3, etc.).

6:14

**“Porque o pecado não terá domínio (kurieuw kurieuo=ser senhor de, governar, ter domínio sobre) sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça”.**

Para entendermos o significado deste verso é preciso primeiro definir o que a lei pode e não pode fazer; e à luz do que ela não pode fazer torna-se claro o sentido das palavras **“debaixo... da graça”**. 1) A lei ordena e exige.

1) A lei profere a sua aprovação e benção sobre a conformidade aos seus requisitos (Gl 3.12; Rm 7.12). A lei decreta condenação sobre toda infração de suas exigências (Gl 3.10). 4) A lei desmascara o pecado (Hb 4.12; Rm 7.7,14). 5) A lei desperta e incita o pecado. O que a lei não pode fazer está implícito nestes limites da sua capacidade anteriormente apresentados. 1) A lei nada pode fazer para justificar o indivíduo que a violou. 2) A lei não nos concede poder para quebrarmos com servidão ao pecado; pelo contrário acentua e confirma tal servidão.

Esta última característica da incapacidade da lei, ou seja, o fato da mesma não poder fazer nada para nos libertar da escravidão do pecado, é o que o apóstolo estava frisando. A pessoa que está **“debaixo da lei”**, é aquele indivíduo,



que vive nas suas PRÓPRIAS FORÇAS, já que a lei não fornece recursos para que o pecado seja vencido na vida do homem. Portanto que vive nesta condição é ainda um ESCRAVO do pecado. É sob esse entendimento que **“debaixo... da graça”** é compreendido; a palavra graça resume tudo quanto está envolvido nas PROVISÕES DA REDENÇÃO, em contraste com a lei. Os crentes no Senhor Jesus foram colocados debaixo de todos os RECURSOS DA GRAÇA REDENTORA, isto é, perdão para os pecados, imputação da justiça de Cristo e a obra de santificação que é efetivada pelo poder do Espírito Santo .

Portanto o que Paulo está nos lembrando é que nós que estamos vivendo “DEBAIXO DA GRAÇA”, de modo algum precisamos mais nos submeter ao senhorio do pecado porque nos foi concedido PROVISÕES, decorrentes da nossa nova posição (unidos a Cristo em sua morte e ressurreição) que nos permitem vencer o pecado. Essas provisões da graça emanam da VIRTUDE DA VIDA RESSURRETA (poder do Espírito Santo) que opera em Cristo e também em nós em decorrência da nossa união com Ele.

6:15

**“E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!”**

O reino da graça em Cristo foi estabelecido para produzir um viver justo. A liberdade da graça é a liberdade do domínio do pecado e, portanto liberdade para obediência e serviço a Deus.

Quando estamos “debaixo da lei”, o pecado é o nosso senhor, porque a lei não nos justifica nem nos auxilia a vencê-lo. Mas agora que nós estamos “debaixo da graça” Cristo tornou-se nosso Senhor e fomos feitos PARTICIPANTES DA SUA VIDA e conseqüentemente das suas VIRTUDES. Assim como a vida de Cristo é caracterizada pela JUSTIÇA, SANTIDADE, ESPONTÂNEA OBEDIÊNCIA a vontade do Pai e PODER DO ESPÍRITO SANTO, de igual modo a vida dos que estão “em Cristo” terá as mesmas características. Portanto o argumento principal de Paulo para combater o ANTINOMISMO é que senhorio que está sobre os que estão “debaixo da graça” é um DOMÍNIO DE JUSTIÇA totalmente incompatível com a escravidão ao pecado.

6:16

**“Não sabeis que daquele a quem vos oferecis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedecis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?”.**

Paulo apresenta o princípio que afirma que somos escravos daquilo a que nos apresentamos como o propósito de obedecer (havia uma modalidade de



escravidão que era voluntária. Pessoas em extrema pobreza podiam oferecer-se como escravos a alguém simplesmente em troca de casa e comida). Trata-se da mesma verdade apresentada pelo próprio Senhor: *“Todo o que comete pecado é escravo do pecado”* (Jo 8.34); *“Ninguém pode servir a dois senhores; porque há de aborrecer-se de um e amar a outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e as riquezas”* (Lc 16.13). Este princípio também encerra que **TODOS OS HOMENS SÃO ESCRAVOS**, que a humanidade **SEMPRE ESTÁ DEBAIXO DE ALGUM TIPO DE GOVERNO**. Paulo explica que o critério da nossa lealdade espiritual refere-se a nossa obediência, quer seja ao **“pecado para a morte”**, quer seja a **“obediência para a justiça”**. Essa obediência ao pecado ou a Deus engloba quer o homem concorde ou não a todos os aspectos da sua vida, ou seja, carreira, relacionamentos, sonhos, educação, casamento, etc. Portanto devemos escolher sabiamente a quem vamos nos submeter. Pois quando o pecado é o nosso senhor, em todos os aspectos já mencionados, ele sempre nos conduz a MORTE, e de modo contrário quando nós entregamos toda a nossa vida nas mãos de Deus o final é sempre VIDA.

6:17

**“Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues;”**

A obediência do cristão não é FORÇADA ou LEGALISTA, mas VOLUNTÁRIA. Por esse motivo Paulo elogia os cristãos de Roma afirmando que eles obedeceram “de coração” (*ek kardias*). A submissão do crente a Deus é MOTIVADA PELO AMOR, porque a lei não é mais exterior, ela foi ESCRITA NO CORAÇÃO: *“Mas este é o concerto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: porei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.”* (Jr 31.33).

**“...À forma de doutrina a que fostes entregues;”**O apóstolo não dissera que a forma (*tupov tupos*= impressão, molde) de doutrina (*didach didache*=ensino) fora entregue aos crentes; mas, ao invés disso, ele afirmou que eles é que foram entregues a ela. Portanto todos os VERDADEIROS CRENTES entram no “MOLDE” do evangelho, que passa a determinar a forma das suas vidas em todos os aspectos e não o contrário, isto é, o ensino evangelho não é **“moldado”** de acordo com a vida dos crentes.

6:18

**“E, uma vez libertados do pecado (pecado personificado como um senhor), fostes feitos servos da justiça.”**



Alguns estudiosos acreditam que Paulo tinha em mente a ALFORRIA SACRA, ou seja, processo (que ocorria na antiguidade) pelo qual um escravo tornava-se oficialmente livre do serviço ao seu senhor pelo fato de ter tornado-se propriedade de um deus ou do templo dedicado a uma divindade. Portanto novamente Paulo reforça a idéia de que É IMPOSSÍVEL SER NEUTRO NA VIDA ESPIRITUAL, ou somos servos da justiça ou do pecado, não há uma “terceira via”. O crente foi liberto do controle do pecado, dos desejos malignos e de uma vida egoísta, para ser escravo de um viver justo, um viver que seja compatível com o nosso novo Senhor que é a própria justiça.

6:19

**“Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade (literalmente, sem lei para a falta de lei), assim ofereci, agora, os vossos membros para servirem à justiça para a santificação.”**

**“Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne.”** Paulo está usando uma analogia humana (a metáfora da escravidão), ou um modo humano de falar para socorrer a fraqueza ou limitação de entendimento espiritual dos crentes de Roma, apesar de tal ilustração ser imperfeita para descrever a vida cristã (não expressa a leveza e suavidade do jugo de Cristo). **“Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim ofereci, agora, os vossos membros para servirem à justiça para a santificação.”** Apesar da “desculpa” por haver usado uma figura imperfeita para descrever a vida cristã, Paulo continua comparando e contrastando os dois tipos de escravidão. Desta vez, porém, ele faz uma analogia entre desenvolvimento das duas formas de escravidão. Nenhuma das duas é estática. Ambas são dinâmicas; uma leva fatalmente a DEGENERAÇÃO e a outra a um constante PROGRESSO no que concerne a conformação do crente à imagem (caráter santo) de Cristo.

6:20

**“Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos (eleueroiv *eleutheros*=civilmente livre, livre no sentido da lei) em relação à justiça.”**

Paulo passa a comparar a MUDANÇA DE COMPROMISSO do crente, em função da troca do seu senhorio. Quando éramos escravizados pelo pecado, nosso compromisso era com a injustiça, não havia nem um laço ou algum tipo de “constrangimento” que nos ligasse à prática do bem, havia plena “liberdade” para o exercício da maldade. Entretanto quando Cristo foi entronizado em nossas vidas o inverso aconteceu, ou seja, nós podemos até pecar, porém, não há mais



nenhum compromisso da nossa parte com a injustiça, Cristo rompeu todos os laços que nos aprisionavam à maldade, e o simples motivo que explica isto, é que temos um novo senhor. O escravo, legalmente, só está comprometido com o seu Senhor, como o nosso senhor é um Deus de justiça, somente a obediência à justiça nos deve “constranger”.

6:21

**“Naquele tempo, que resultados colhestes (literalmente, *que fruto[karpov karpos] tivestes?*)? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais; porque o fim delas é morte.”**

Paulo desafia os crentes de Roma a fazerem um inventário dos frutos da vida velha e o fim que eles proporcionam com o objetivo de que seja feita uma comparação com a atual vida deles. O resultado é que tão logo os crentes começam a analisá-la pela iluminação do Espírito Santo, eles automaticamente passam a reconhecer que a sua vida passada, a qual viveram sem Cristo, é digna de condenação, e cuja lembrança acarreta SEMPRE VERGONHA. Portanto não é normal o crente exaltar-se ou gabar-se dos feitos da vida velha sem Jesus, pois através do Espírito Santo eles já compreenderam que o caminho que eles trilhavam no passado, era um CAMINHO DE MORTE. Se existe algum “fruto” na vida velha este é a morte.

6:22

**“Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna;”**

A nova vida que obtivemos por meio de Cristo não é uma vida apática, mas uma vida de serviço à justiça, ou seja, o crente tem um viver ativo, só que agora, diferentemente do período em que era escravo do pecado, vive para Deus, para fazer a vontade de Deus, o que implica necessariamente em promoção da justiça. Este novo viver produz fruto, que é a SANTIDADE, que redundando no final em VIDA ETERNA (não há vida eterna sem santidade [Hb 12.14]). Portanto em termos espirituais não existe nem NEUTRALIDADE (ou somos escravos do pecado ou de Cristo), nem APATIA (ou estamos ativos servindo a justiça e frutificando santidade que culminará em vida eterna ou estamos ativos servindo ao pecado e produzindo impureza que redundará em morte eterna), ou seja, o homem não pode ser escravo do pecado e não praticar a injustiça e da mesma forma também não pode ser servo de Deus e não frutificar santidade.



COMO A SANTIDADE É OBTIDA? A santidade é obtida como resultado de um processo que envolve toda a nossa vida à medida que nos tornamos mais parecidos com Cristo e nos separamos mais para o Seu serviço.

6:23

**“Porque o salário (oqwnion *opsonion*=soldo, pagamento de um soldado) do pecado é a morte, mas o dom gratuito (carisma *charisma*) de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.”**

Mais uma vez Paulo passa a empregar uma figura militar, já que utiliza a palavra salário (*opsonion*) com o sentido de soldo (I Co 9.7; Lc 3.14, etc.) de modo que o pecado é visto como um general que paga seus combatentes com a morte. Em contrapartida a vida eterna ( $\zeta \omega \eta \nu \alpha \lambda \omega \nu \iota \omicron \nu$  *zoe n aionion*) é apresentada como um FAVOR DE DEUS aos pecadores arrependidos. Portanto os dois tipos de servidão são contrastados. Uma traz a morte como salário; a outra redundando em vida eterna, não como salário merecido por trabalho, mas como PRESENTE DE DEUS.

**OPSONION (*oqwnion*):** Esta antiga palavra grega designava a carne salgada (especialmente de peixe) oferecida aos soldados em campanha. Posteriormente ela passou a designar, de um modo geral, as provisões dadas a um soldado (rações de pão, água e carne) que também incluía a recompensa monetária.